

VOZES (IN)VISÍVEIS: MATERNIDADE, CUIDADO E DESAFIOS NA ACADEMIA¹

LUCAS VARGAS BOZZATO¹; EDUARDA VESFAL DUTRA²; SILVIA TEIXEIRA DE PINHO³; FRANCIELE ROOS DA SILVA ILHA⁴

¹ Universidade Federal de Pelotas – lucasbozzato2@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – eduarda9160@gmail.com

³ Universidade Federal de Pelotas – silvia@unir.br

⁴ Universidade Federal de Pelotas – francieleilha@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A academia, longe de ser um espaço neutro, reproduz e intensifica as assimetrias de gênero da sociedade, criando barreiras específicas para mulheres que ousam conciliar a produção intelectual com a reprodução social da vida. A maternidade, nesse contexto, emerge não como um mero evento isolado, mas como um fenômeno político que escancara as fissuras de um sistema fundado no mito do pesquisador desencarnado e desimpedido. Conforme STANISCUASKI et al. (2023), mães pesquisadoras enfrentam um viés negativo significativamente maior que os pais, um mecanismo sutil, mas eficaz de limitação do reconhecimento e do avanço profissional, especialmente nos estágios iniciais da carreira. Esta sobrecarga, que impacta diretamente a produtividade (CHAVES; TRINDADE; DANTAS, 2020) e a saúde mental (CARPES et al., 2022; ALVES, 2023; JURGINA, 2025), é agravada por marcadores interseccionais como raça, classe e deficiência, tanto da mãe quando de sua criança, demonstrando como a opressão se estrutura de forma combinada. O cerne deste problema reside na divisão sexual do trabalho (MOLINA; CORNILS, 2020), que naturaliza o cuidado como uma função inerente a mulher, invisibilizando seu caráter social e coletivo. É contra essa naturalização que se ergue a pedagogia feminista popular (HOOKS, 2007; OCHOA, 2007; KOROL, 2016), que fundamenta este estudo.

Ao privilegiar a escuta das experiências vividas, buscamos visibilizar e refletir os atravessamentos da maternidade na academia, sobretudo na pós-graduação, de modo a transformar essas narrativas em subsídio crítico de disputa por um projeto de universidade que contribua para uma sociedade mais democrática.

2. METODOLOGIA

A pesquisa se desenvolveu em diálogo com os princípios da pedagogia feminista popular, privilegiando a escuta ativa, a horizontalidade e a valorização das experiências de vida como ponto de partida para a produção de conhecimento (KOROL, 2016).

Foram realizadas rodas de conversa com mães integrantes do Grupo de Pesquisa em Educação Física e Educação (GPEFE/UFPEl), seguidas do envio de perguntas orientadoras via *WhatsApp*, respeitando o tempo e a disponibilidade de cada participante, de modo a traçar suas trajetórias no meio acadêmico, suas

¹ Este trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

experiências maternas nesse ambiente e possíveis perspectivas para uma academia mais inclusiva com as mães pesquisadoras. As respostas foram recebidas em diferentes formatos (áudio, texto e imagem), após a roda de conversa inicial.

Participaram duas docentes da UFPEL vinculadas a programas de pós-graduação e doutoranda do PPGEF/UFPEL, todas mães, cujos relatos foram sistematizados de forma coletiva, com revisão e validação das próprias participantes. Essa metodologia buscou não apenas coletar dados, mas também criar um espaço de fortalecimento e reflexão, reafirmando a perspectiva da educação como prática de liberdade (HOOKS, 2007).

Cumprindo com o compromisso político que a perspectiva feminista popular demanda (OCHOA, 2007), utilizamos as experiências das mulheres como elemento principal de transformação social, subsídio para uma postagem no *instagram* do GPEFE (@gpfe.ufpel), possibilitando visibilizar o tema sobre a maternidade na academia. Além disso, essas mulheres queriam ser ouvidas e, por isso, não optaram pelo anonimato.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A trajetória das mães do estudo apresenta, em diferentes fases da carreira acadêmica, profundos abismos entre a lógica produtivista da universidade e as demandas da reprodução social da vida. A professora Franciele, professora titular e marido presente na educação do filho, personifica uma das contradições quando, mesmo apontando suporte estrutural e emocional, bem como se reconhecer enquanto pesquisadora e trabalhando em seu lar, ela dispõe de autocobranças – *“Ah, me pergunto sempre se estou trabalhado demais e deixando meu filho de lado”*. Sua estratégia de trabalho noturno — *“muitas vezes eu esperava o filho dormir para eu trabalhar”* — condiz a adaptação de uma atividade que ignora a existência de dependentes. Essa realidade demonstra que a estabilidade se mostra insuficiente no processo de culpa e sobrecarga, sintomas da divisão sexual do trabalho que recai sobre as mulheres, sobretudo relacionado ao cuidado. A fala de Franciele, *“É um trabalho diário, né? De conciliar...”*, demonstra essa permanência de uma jornada que pode levar a exaustão emocional que assola docentes mães (JURGINA, 2025).

A Silvia, também docente concursada, expressou as vivências maternas com seus filhos em Rondônia, antes de chegar à Universidade Federal de Pelotas. Sem rede de apoio familiar, improvisou em sua sala um berçário quase clandestino, com a babá e a filha escondidas atrás de um tablado: — *“Eu levava ela todos os dias para o meu trabalho. Foi comigo até os 2 anos”*. Esta cena é a materialização do que MUNIZ et al. (2020) identificam como a naturalização da invisibilidade do cuidado materno nos espaços universitários, que se mantém hostis à presença de crianças. Quando chegou a hora de falar sobre sugestões para o meio acadêmico, Silvia desabafou: — *“Lucas, eu não sei te dizer... É tudo tão injusto... se tiver reencarnação eu quero vir homem”*. Silvia denuncia uma estrutura moldada por e para uma subjetividade masculina e desimpedida, que ignora por completo a corporeidade e os vínculos que constituem a vida das mulheres (KOROL, 2016).

Já a experiência de Eduarda, doutoranda bolsista, explica a base da desigualdade em relação ao tempo: — *“você é mãe em tempo integral e nos tempos livres você é doutoranda”* — expondo a ficção da “dedicação exclusiva” exigida por programas de pós-graduação, que pressupõe um corpo sem

dependentes e disponível 24 horas por dia. Ainda que sua estratégia para atender as demandas se traduziram e hábitos noturnos, sua trajetória na pós-graduação é amparada pela conquista de uma bolsa e por uma rede de apoio intergeracional (irmã, sogra, marido). Sua demanda por não equiparação com colegas homens que não exercem a paternidade é uma reivindicação por uma academia mais justa, um reconhecimento de que trajetórias marcadas pelo cuidado exigem tempos e condições diferenciados, questionando a falsa neutralidade de critérios de produtividade.

A síntese dessas narrativas, com base nesse referencial teórico, aponta para a urgência de politizar o cuidado na universidade. As estratégias individuais, ora como trabalho noturno, ora improvisação de espaços ou a dependência de redes familiares, são apenas ações paliativas insuficientes para um problema coletivo e estrutural. A divulgação dessas experiências no *instagram* do grupo tornou-se a publicação de maior repercussão², em menos de 24 horas, o que demonstra a potência e a necessidade de se fazer o debate e a discussão sobre o tema. Como defende OCHOA (2007), visibilizar essas narrativas é um ato radical de desnaturalização do patriarcado. Portanto, mais do que demandas pontuais por creches ou flexibilização de prazos (CARPES et al., 2022; STANISCUASKI, 2023), o que está em jogo é a necessidade de uma transformação de *ethos*. A academia precisa romper com a ficção do pesquisador ideal, e ter sob perspectiva, como a proposta por HOOKS (2007) e KOROL (2016), a valorização da integralidade da vida, que reconheça o cuidado como fundamento social. Portanto, a disputa coletiva por um projeto de universidade verdadeiramente inclusivo, onde maternar não seja um obstáculo, perpassa sobre a valorização da experiência humana que materna, também na academia.

4. CONCLUSÕES

Os relatos das participantes escancaram as particularidades e a sobrecarga enfrentadas por mulheres mães pesquisadoras ao conciliarem a maternagem com as exigências produtivistas do meio acadêmico, corroborando estudos sobre os impactos na saúde mental e na produtividade (CARPES et al., 2022; ALVES, 2023).

A investigação, ancorada na pedagogia feminista popular, demonstrou que a escuta ativa e a valorização das experiências são atos políticos potentes de conscientização. A metodologia adotada, centrada na construção coletiva, criou um espaço de acolhimento e fortalecimento, culminando em uma ação de visibilização que reverberou intensamente, como atestado pelo engajamento sem precedentes.

Conclui-se que superar este cenário exige uma transformação radical de *ethos*. É imperativo que a universidade reconheça a maternidade como dimensão integrante da vida acadêmica e assuma o cuidado como responsabilidade coletiva. Somente através do enfrentamento direto dessas estruturas excludentes será possível construir uma academia verdadeiramente inclusiva e uma sociedade mais democrática.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

² Acesse em: https://www.instagram.com/p/DM8IPVGu5Ft/?img_index=1.

ALVES, Sarah Rocha. **O impacto da maternidade na saúde mental da comunidade acadêmica: identificando vulnerabilidades**. Dissertação (Mestrado em Ciências Biomédicas – Fisiologia) – Instituto Biomédico, Programa de Pós-Graduação em Ciências Biomédicas (Fisiologia e Farmacologia), Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2023.

CARPES, Pâmela Billig Mello; STANISCUASKI, Fernanda; OLIVEIRA, Leticia de; SOLETTI, Rossana C. Parentalidade e carreira científica: o impacto não é o mesmo para todos. **Epidemiologia e serviços de saúde**, v. 31, n. 2, p. e2022354, 2022.

CHAVES, Danuza Santana dos Santos ; TRINDADE, Larissa dos Santos ; DANTAS, Lys Maria Vinhaes. Maternagem no Ensino Superior: desafios, estratégias e demandas das mães estudantes na UFRB. **Anais Educon**, São Cristóvão/SE, v. 14, n. 10, p. 2-17, set. 2020. Disponível em: <<https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/13726/8/7>> . Acesso em: 29/07/2025

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2007.

JURGINA, Otávio Quevedo. **Síndrome de Burnout e a realidade de Professoras Universitárias Mães: Um Estudo de Caso na Escola Superior de Educação Física e Fisioterapia da Universidade Federal de Pelotas**. 45f. 2025. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) - Curso de Graduação em Educação Física, Escola Superior de Educação Física e Fisioterapia, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2025.

KOROL, C. La educación popular como creación colectiva de saberes. In: KOROL, C.; CASTRO, G. C. (Orgs.). **Feminismos populares**. Bogotá: La Fogata, 2016.

OCHOA, Luz Maceira. Una propuesta de pedagogía feminista: teorizar y construir desde el género, la pedagogía y las prácticas educativas feministas. Ponência apresentada no **I Coloquio Nacional Género en Educación**. Universidade Pedagógica Nacional, México, DF, 2007.

MOLINA, Johanna; CORNILS, Patrícia. Manual de Educação Popular Feminista: Sembrar justiça de gênero para dismantelar o patriarcado. **Amigos da Terra Internacional**, 2020.

MUNIZ, Adriana Werneck Russo et al. Será mesmo sobre a pandemia? Caminhos possíveis para mães pesquisadoras. IN: SOUTO-MARCHAND, Andreia Silva de; GALVÃO, Elisandra; FERNANDES, Morgana (Orgs.) **Mulheres Cientistas e os desafios pandêmicos da maternidade**, v. 1, p. 100-113, 2020.

STANISCUASKI, Fernanda. The science meritocracy myth devalues women. **Science**, v. 379, n. 6639, p. 1308-1308, 2023.